

ENCHENTES, IDEOLOGIA E REDES SOCIAIS **MARINA ANTUNES RODRIGUES¹**

FRANCISCO DOS SANTOS KIELING²

¹*Universidade Federal de Pelotas – antunesmarina415@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – francisco.kieling@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Alvitado no âmbito de Prática de Ensino III, disciplina obrigatória do terceiro semestre do Curso de Ciências Sociais - Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas, o presente trabalho relata a elaboração de uma experiência didática solicitada como parte da avaliação, pelo professor responsável, Francisco dos Santos Kieling. Tal experiência teria de ser baseada em um conceito de livre escolha dentro da gama proposta pelos três grandes clássicos da sociologia – Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber – devendo ser apresentada aos colegas e ao professor em sala de aula com uma duração máxima de trinta minutos. O conceito que escolhi foi o de ideologia na obra de Karl Marx e Friedrich Engels (2007), e para relacioná-lo com discussões atuais, trouxe o debate sobre as enchentes de maio de 2024 no Estado do Rio Grande do Sul e o papel das redes sociais na apreensão deste fenômeno.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A primeira tarefa a ser realizada foi a escolha do tema, e esta dependeu de um processo pessoal interessante. Cursei o Ensino Médio Técnico em Informática para a Internet no IFSul Jaguarão, onde tive contato com diversos conceitos técnicos e sociológicos acerca das redes sociais e seus mecanismos de funcionamento. Dentre estes, um dos que mais me cativou foi o de modulação algorítmica em autores como Sérgio Amadeu e Rosemary Segurado, com o qual desenvolvi meu Trabalho de Conclusão de Curso. Neste momento trabalhei também com o conceito de ideologia em autores marxistas, como Theodor Adorno e Max Horkheimer (2002) em seu ensaio intitulado “A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas”. Ao ser desafiada a elaborar uma aula que visasse como público uma turma de ensino médio, pensei que seria interessante tratar de algo que compõem o cotidiano deste público: as redes sociais.

Unificando essas tendências e ideias, pensei em tratar de democracia, e como esta é impactada pela lógica atual das redes sociais. A ideia visava debater o processo de difusão de ideologia dentro das redes e plataformas digitais, trazendo à luz a noção de que o que acontece dentro destes espaços impacta nossa vida material, fora das redes, muitas vezes de maneira a prejudicar e enfraquecer algo tão valioso como a democracia. Neste sentido valorizaria esta última como inegociável e descortinaria o funcionamento da modulação algorítmica, conscientizando estudantes sobre o uso de certas ferramentas digitais e especialmente a influência destas em seus processos individuais de formação de opinião.

Depois desta escolha de tema elaborei os três materiais expressamente solicitados pelo professor: um plano de aula, uma apresentação, e um texto de

apoio. Quando fiz o envio, podia sentir algumas consternações acerca do que produzi. Percebi que por estar familiarizada com o tema, tendia a torná-lo denso e a propor discussões que compatibilizavam com um debate mais avançado do que o ideal para ser proposto a uma turma de ensino médio. Quando recebi o retorno do professor, me senti aliviada, uma vez que as orientações indicaram um novo caminho: uma discussão que partisse de um exemplo concreto, aproximado da realidade dos alunos. Eu desejava discutir a forma como as redes sociais organizam os conteúdos, direcionando-os a seus usuários de acordo com uma série de dados coletados, que formam o perfil de cada um. Eu queria apontar que quando damos indícios às redes sociais de que fazemos parte de um *grupo x*, estas passam a nos enviar apenas conteúdos que consideram adequados aos membros do *grupo x*. Em seguida, pensar, juntamente com os estudantes, quais seriam os impactos desta prática – que, em resumo, é a modulação algorítmica – na democracia. Mas não havia alcançado um nível de transposição didática adequado a tal proposta.

Com as orientações do professor, construí uma nova proposta: e se eu discutisse a interpretação das enchentes, suas causas e responsáveis, dentro das redes sociais? Então pude trazer para uma realidade próxima, a noção de que aquilo que vemos nas redes influencia nossas opiniões. Refiz o material com a seguinte proposta: durante as enchentes as redes sociais se dividiram em dois grupos principais e facilmente observáveis: um deles acreditava que era necessário e urgente organizar uma corrente de solidariedade na sociedade civil para auxiliar aqueles que foram diretamente atingidos, e isto se resumia, em grande parte, em doar e divulgar o pix solidário proposto pelo governo do estado do Rio Grande do Sul. Um outro grupo, também valorizava as correntes de solidariedade, mas apontava a necessidade de responsabilizar grandes agentes causadores das enchentes, dentre estes os governantes atuais do Estado e das cidades atingidas com maior severidade.

Neste novo material, apontei como as publicações do primeiro grupo eram impulsionadas pelas redes e seus algoritmos, alcançando mais likes, comentários e compartilhamentos, pois estas ideias circulavam nas camadas mais privilegiadas da sociedade – influenciadores digitais, celebridades e grandes marcas. Já as publicações produzidas pelo segundo grupo, tinham baixo alcance e circulavam em meios mais modestos, sendo divulgadas por um pequeno grupo de políticos de oposição, pessoas ligadas a movimentos sociais e anônimas.

Depois de estabelecer a diferença entre as ideias destes dois grupos e compreender como as redes sociais moldam os conteúdos produzidos pelos próprios usuários, foi possível partir para um debate sobre o conceito de ideologia, e pensar na influência direta das redes e plataformas digitais na formação de opinião da população. Foi então possível trabalhar com a ideia de Rosemary Segurado (2021) de “jardins murados”, que indica que depois de uma coleta de dados e uma presuntiva formação dos nossos perfis, as redes iniciam o processo de *modulação* como “um processo de controle da visualização de conteúdos, sejam discursos, imagens ou sons” (AMADEU, 2021), construindo espaços onde nos deparamos apenas com uma face da narrativa, aquela com a qual concordamos, aquela que nos é favorável. Esta estratégia é parte do processo de construção de um sistema eficiente de recompensas imediatas, viabilizado pelo *plugging* (conceito desenvolvido por Adorno e Simpson (2000), para descrever o processo de repetição contínua de determinado conteúdo até que atinja popularidade) que gera, segundo Santos (2021), um processo de dependência. Podemos concluir que depois de sermos bombardeados com uma

versão dos acontecimentos, nos agarramos a ela como verdadeira e vê-la em todos os espaços acessíveis valida nosso sistema de crenças. Contrapor isto seria nos transportar para um ambiente desagradável, mas, como bons vendedores, os algoritmos de modulação desejam sempre preservar nosso bem estar mantendo-nos sempre presos a esta mesma versão.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O central neste processo foi ter tido a oportunidade de fixar um saber indicado por Paulo Freire como indispensável: a importância de aproximarmos nossas propostas pedagógicas da realidade de quem a apreende junto com a gente. Pensar a teoria quando se é um educador em formação é pensá-la a partir da ótica de nossos estudantes (ainda que estes sejam fictícios, ou colegas acadêmicos). Exercitar a habilidade da transposição didática, pensar formas criativas para captar a atenção e o interesse dos estudantes, deve ser tarefa constante e o norte de qualquer educador.

Ter sido capaz de elaborar um plano e reelaborá-lo para que se tornasse mais interessante, palpável e inteligível aos estudantes me serviu de lembrete de que minha profissão exige sempre um olhar atento para com aqueles que construirão os processos de ensino-aprendizagem comigo. Lembrou-me também que posso e devo ser uma entusiasta da pesquisa, e me especializar tanto quanto possível, mas que este conhecimento deve estar sempre à serviço de um grupo maior, e deve ser acessível a todos aqueles interessados, pois este foi objetivo que assumi para comigo quando ingressei em uma licenciatura.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W.; SIMPSON, G. On Popular Music. Soundscapes.info, v. 2. Jan. 2000. Disponível em: http://www.icce.rug.nl/~soundscapes/DATABASES/SWA/On_popular_music_1.shtml. Acesso em: 19 nov. 2022. Publicado originalmente em: Studies in Philosophy and Social Science, New York: Institute of Social Research, 1941, IX, p. 17-48.

BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

RODRIGUES, Marina Antunes. **FURABOLHA: Aplicação FullStack para ecoar vozes contra-hegemônicas**. Instituto Federal Sul Rio-Grandense Câmpus Avançado Jaguarão, 2023.

SEGURADO, Rosemary; AMADEU, Sérgio; PENTEADO, Claudio. **Ativismo Digital hoje: Política e cultura na era das redes**. São Paulo: hedra, 2021.

SANTOS, Gabriel Boscolo dos. **algoRITMO: gosto musical programado**. Universidade Estadual Paulista, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/216622>.